

Homo explorens: o anseio humano pela exploração do universo

EMILIO GAROFALO NETO



“Nós costumávamos olhar para o céu e imaginar qual seria nosso lugar nas estrelas. Agora somente olhamos para baixo, e nos preocupamos com nosso lugar no pó.”¹

“O Universo, como já foi dito anteriormente, é um lugar desconcertantemente grande, um fato que, para continuar levando uma vida tranquila, a maioria das pessoas tende a ignorar.”²

“Por vezes fazemos viagens que parecem no momento serem pequenas e sem importância. Mas estas viagens podem acabar nos levando a caminhos surpreendentes, o resultado sendo algo não esperado, desconhecido e completamente mágico.”³

INTRODUÇÃO

Esta Terra é linda e absurdamente diversificada. Ela tem fiordes monstruosamente belos, desertos dramaticamente quentes e áridos, tundras sin-

1 Cooper, astronauta e personagem principal no filme *Interestelar*, 2014.

2 Douglas Adams, *O restaurante no fim do universo* (São Paulo: Arqueiro, 2010), p. 53.

3 Alexander McCall Smith, “A trip to some islands”, em *Better than Fiction 2: True adventures from 30 great fiction writers* (Lonely Planet Travel Literature), Kindle Locations 2420-2422. Minha tradução. Aliás, toda citação a partir de obras em inglês neste artigo são minhas. *Mea culpa, mea gloria.*

gelamente gélidas, vales poeticamente nevados, cordilheiras sublimes, dunas, praias, falésias e muito mais. Dificilmente se encontra alguém satisfeito em conhecer apenas o microcosmo em que cresceu. Não nos contentamos com nosso lugar no mundo; queremos ir além, queremos explorar. “Eu quero ver montanhas, Gandalf.” É o anseio de Bilbo Baggins e também de todos os que, como eu, moram em planaltos. Explorar a diversidade criacional de Deus neste planeta é ótimo; mas este planeta não basta para satisfazer o anseio da *imago Dei*. Mesmo com toda esta beleza planetária, o ser humano segue no seu anseio por conhecer outros mundos.

Isso se mostra, por exemplo, nos esforços científicos de explorar as galáxias, ainda que apenas telescopicamente. A NASA e outras agências espaciais já gastaram incontáveis bilhões para lançar sondas, satélites, telescópios e mesmo pessoas ao espaço.⁴ Tive a oportunidade de visitar o Centro Espacial Kennedy na Flórida, e é espantosa a engenhosidade humana em seu desejo de lidar com seu impulso interplanetário. Foguetes, ônibus espaciais, tecnologia avançada e maravilhosamente criativa com o objetivo de vencer a força gravitacional e investigar o que há lá fora. É de emocionar qualquer coração endurecido o ficar ao lado de um foguete Saturno V, o maior foguete da história com seus mais de 100 metros, ou sentir em suas mãos uma rocha vinda da Lua. Sonhos diversos, alguns mais outros menos realistas, continuam projetando levar o homem até Marte. Dominar e, quem sabe, colonizar o planeta vermelho é um projeto antigo. Temos lançado robôs a este planeta há um bom tempo.⁵ Até em um cometa já conseguimos pousar uma sonda. A humanidade investe pesadamente na exploração do universo, e novos países como a China tem iniciado programas espaciais.

4 Um delicioso livro sobre os rigores e dificuldades da vida humana fora da Terra é *Packing for Mars*, de Mary Roach. Ela explora a ciência da viagem e sobrevivência no espaço. Aproveito para avisar que, quando fizer rápida referência a algum livro, sem de fato citá-lo, aqui nas notas colocarei apenas o título e o autor. Com o acesso a inúmeras bases de dados eletrônicas não é necessário mais que isso para o leitor que se interesse por ir além. Se contassem isso para nossos avós, achariam ser coisa de ficção científica. Aqui nas notas pretendo trazer discussões de aspectos correlatos ao assunto principal, ampliando a conversa com o leitor interessado em explorar mais o assunto.

5 O mais recente é o rover Curiosity (2012). Inclusive é possível segui-lo no twitter. Suas atualizações são interessantes e divertidas. Nenhuma notícia até aqui (16/6/2017) de ter encontrado seres vivos. Antes dele tivemos o Pathfinder (1997), o Sojourner (1997), o Spirit (2004) e o Curiosity (2004), entre outros.

Tudo isso sem contar a infindável variedade de produtos culturais que apontam para esse anseio de conhecer o que está lá fora.⁶ Não é apenas a ciência que avança nessa direção, mas a arte também. Mesmo o leitor não muito afeito à ficção científica por certo já consumiu algum filme ou seriado que lide com a questão. Filmes mais ou menos sérios, alguns graves; outros, jocosos. *Jornada nas Estrelas* e seu desejo de ousadamente ir aonde nenhum homem jamais esteve.⁷ *Guerra nas Estrelas* e suas sagas familiares, uma ópera espacial. Histórias filosóficas como *2001: uma odisseia no espaço* de Stanley Kubrick; outras focadas na sobrevivência como *Gravidade* de Alfonso Cuarón; além de histórias de fortíssimo apelo emocional como *Interestelar* de Christopher Nolan ou mesmo instigantes discussões sobre linguagem e liberdade como em *A Chegada* de Denis Villeneuve.⁸ São muitas as investigações criativas cinematográficas de como seria alcançar outros mundos. Isso sem falar nos numerosos livros de autores clássicos como Isaac Asimov, Douglas Adams, Arthur C. Clarke, Júlio Verne, H. G. Wells, Philip K. Dick e tantos outros. Escritores que imaginativamente tentam pintar figuras de como a vida pode ser em outros planetas ou mesmo no nosso. Mesmo com essas gerações de autores já tendo boa parte deles falecido, a ficção científica segue com renovado fôlego. Nomes como Neal Stephenson, Orson Scott Card, Gene Wolfe e Kim Stanley Robinson continuam levando adiante a tocha da ficção científica e alargando as fronteiras da imaginação.⁹ Seriad

6 Lembrei de duas canções da infância que envolvem viagem interplanetária. Uma do Balão Mágico (autoria de Guilherme Arantes) dizia “Porque sou aventureiro/desde meu primeiro passo para o infinito/ Pegar carona nessa cauda do cometa/ ver a via-láctea/estrada tão bonita/brincar de esconde-esconde numa nebulosa...”. Havia ainda uma de Raul Seixas, a famigerada *Carimbador Maluco (Plunct Plact Zum)*. Que fala do anseio de viajar pelo universo. E também, é claro, dos malefícios da burocracia governamental.

7 Fato que não é escondido, mas ainda assim pouco conhecido: nosso homenageado, rev. Wadislau, é um fã de *Jornada nas Estrelas* (Star Trek), um verdadeiro trekkie! Não sei se ele sabe falar Klingon, mas por certo conhece muito mais sobre Kirk, Spock, Picard, teletransporte, dobras espaciais, phasers, Scottie e Data do que eu e você, caro leitor. Imagino que, como Kirk, o Lau acharia uma forma de passar no teste da Kobayashi Maru.

8 Tenho em andamento um artigo sobre esse filme e seus temas. Quem sabe um dia você lerá ainda nesta Terra.

9 Numa breve pesquisa no Facebook com meus amigos, descobri dezenas de autores que desconhecia e que são bastante amados pelos fãs do gênero. Minha lista de livros a ler aumentou consideravelmente com autores que produziram obras cuja descrição me intrigou. Alguns nomes eu já tinha ouvido de relance, outros me eram totalmente desconhecidos. Nomes como Gene Wolfe, Terry Pratchett, Ursula Le Guin, Michael Crichton, China Mieville, Stephen Baxter, M. John Harrison, Ted Chiang e tantos outros. Além disso, auto-

como LOST e Dr. Who fazem o homem imaginar algo sobre as possibilidades de lugares misteriosos na Terra e fora dela. Videogames como Bioshock, Half-life e Portal transportam o jogador a realidades alternativas e envolvem exploração territorial. Mistérios e teorias da conspiração ligados a lugares como a Área 51, o Triângulo das Bermudas e Tunguska, bem como continentes perdidos como Atlântida fazem o homem conceber como o mundo é mais estranho e misterioso do que os olhos apontam.¹⁰

Mas de onde vem esse impulso por explorar este mundo e seus limites, e mesmo ir além dele? Como ele persiste mesmo no mundo caído? E será que ele pode ser um dia satisfeito? Neste breve artigo, consideraremos alguns elementos teológicos que nos ajudarão a compreender esse anseio antigo. Investigaremos razões criacionais, assim como trataremos sobre como esses elementos se mostram na queda e por fim algo sobre o anseio de redenção humana. Não pretendemos aqui, é claro, trazer uma teoria definitiva e exaustiva de porque somos exploradores; mas, apenas, explorar algumas facetas em que tal anseio humano se mostra.

FEITOS PARA DESENVOLVER E EXPLORAR A CRIAÇÃO

“Nós escolhemos ir para a Lua. Não porque é fácil, mas porque é difícil.”
— Presidente John Fitzgerald Kennedy¹¹

res ecléticos como Kazuo Ishiguro, Haruki Murakami, David Mitchell e Michel Faber por vezes se aventuram pelos caminhos da ficção científica, geralmente com excelentes resultados. Mesmo o amado C. S. Lewis tem sua trilogia espacial. Busque algo sobre os autores citados e verá como eles têm ideias interessantes. Há ainda muitos autores de graphic novels que lidam com ideias limítrofes entre ciência e ficção. Warren Ellis, Grant Morrison e muitos outros se destacam. Talvez as mais famosas sejam as histórias do Quarteto Fantástico; mas há uma longa tradição envolvendo Flash Gordon e muitos outros. A não ser que a ciência não fictícia bole alguma forma de transmitir essas histórias diretamente ao meu entendimento, temo que não cobrirei tudo. Ao menos não nesta velha Terra.

10 Para um artigo onde lido teologicamente com o fascínio humano para com teorias da conspiração, procure por *Teorias da conspiração — o que há de fato por detrás delas*, no site Reforma 21. O link: <http://reforma21.org/artigos/teorias-da-conspiracao-o-que-ha-de-fato-por-detras-delas.html>

11 A citação em contexto de John Kennedy é: “Mas, por que, alguns dirão, a Lua? Por que escolher ela como nosso alvo? E poderiam também perguntar, por que escalar a mais alta montanha? Por que, 35 anos atrás, atravessar o Atlântico voando?... Nós escolhemos ir para a Lua! Decidimos ir para a Lua nesta década, e fazer outras coisas, não porque elas são fáceis, mas porque são difíceis; pois tal meta vai servir para organizar e medir o melhor de nossas energias e habilidades, porque o desafio é um que estamos dispostos a

Que tipo de lugar gosta de explorar, caro leitor? Matas? Cidades? Praias? Shopping Center? No seu mandato cultural, o homem recebeu a tarefa de cultivar e guardar o planeta a partir do Jardim no Éden.¹² Como *imago Dei*, ele agiria como profeta, sacerdote e rei da criação. Muitos pensam que o Éden era para ser o limite perene da habitação do povo de Deus; enquanto, na verdade, o texto bíblico fala sobre a tarefa humana de ampliar fronteiras e desbravar a criação feita por Deus. O excelente teólogo bíblico G. K. Beale argumenta que: “Não apenas Adão deveria servir como sacerdote-rei no estágio inicial do santuário Edênico, mas Gênesis 1.28 afirma que ele deveria subjugar toda a terra... Porque Adão e Eva deveriam subjugar e governar ‘sobre toda a terra’, é plausível sugerir que eles deveriam estender os limites geográficos do jardim até que o Éden cobrisse toda a Terra. Eles estavam no outeiro primitivo do hospitaleiro Éden, fora de onde estava a terra inóspita. Eles deveriam estender essa área menor habitável do jardim por meio de transformar a região caótica exterior em território habitável”.¹³ O impulso de ir além de onde se está foi colocado no homem pelo próprio Deus. O homem deveria se motivar pela glória de Deus e levar adiante o desenvolvimento desse mundo em nome de Deus. De maneira sacerdotal protegendo e santificando toda a criação.¹⁴ Como vice-regente, dominando de maneira

aceitar, que não estamos dispostos a adiar, e que pretendemos vencer”. Discurso proferido em 12 de setembro de 1962, em Houston, Texas. Note o forte elemento de medir e mostrar os limites da capacidade humana.

- 12 Para entender melhor a questão do mandato cultural e da expansão do domínio humano em nome de Deus, há muito material útil. Veja, por exemplo, Heber Carlos de Campos em sua série *O Habitat Humano* (Hagnos), Albert Wolters em *A Criação Restaurada* (Cultura Cristã), Geerhardus Vos em *Teologia Bíblica* (Cultura Cristã) e as obras de outros teólogos bíblicos como Gerard Van Groningen e G. K. Beale. Além disso, teologias sistemáticas reformadas geralmente tratam do assunto. Procure por Louis Berkhof, Charles Hodge, Herman Bavinck, Robert Reymond e Morton H. Smith, entre outros. Livros sobre antropologia bíblica como *Imago Dei* (Knox Publicações) de Paulo Anglada e *Criados à imagem de Deus* (Cultura Cristã) de Anthony Hoekema podem trazer ainda boas perspectivas sobre o mandato cultural. Um livro recente muito útil que lida com o assunto magistralmente é o de G. K. Beale e Mitchell Kim chamado *God Dwells Among Us: Expanding Eden to the Ends of the Earth* (IVP Books, 2014).
- 13 *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God* (IVP, 2004), p. 81, 82. Vale a pena ler todo o livro para absorver bem a belíssima argumentação.
- 14 A noção do jardim como um templo de encontro entre Deus e o homem é belíssima e merece ser explorada longamente. Mas não posso fazer isso com nosso editor. Meredith Kline também lida com o assunto em *God, Heaven and Har Mageddon* (Wipf & Stock, 2006). Mais recentemente, J. Richard Middleton em seu livro *A New Heaven and a New Earth: Reclaiming Biblical Eschatology* (Baker, 2014) também lida com o tema de maneira instigante.

Não resisto; um breve comentário segue. Caro leitor, sintase livre para saltar esta nota, mas fica o alerta: há um tesouro ao descer até aqui. Não por ser minha escrita, é claro, mas por ser algo que ajuda a entender a história do mundo. Vejamos: o jardim no Éden era uma réplica terrena da realidade celestial. Deus se encontrava com o homem para comunhão, instrução e adoração. O homem tinha a função de cultivar (*shamar*) e guardar (*abad*). Após a Queda, novas réplicas foram providas. Ao longo da história da revelação, à medida que Deus vai se revelando e estabelecendo seu pacto com seu povo, ele vai sequencialmente colocando para seu povo lugares onde simbolicamente ele se encontra com eles em comunhão. Estes ambientes servem ao mesmo tempo de réplicas do jardim e de prévias da Nova Jerusalém. Primeiro, o tabernáculo, móvel, feito de acordo com o plano revelado por Deus, cheio de simbolismo e carregado ao longo da peregrinação no deserto. Antes que a comunhão acontecesse, era necessário haver sacrifícios de sangue, pois o homem se tornara impuro. Dentre os diversos utensílios móveis, vale notar a presença de representações de querubins guardando a arca da aliança, assim como os querubins guardaram o acesso ao Jardim e habitam perto de Deus (2 Reis 19.15). Em seu simbolismo, o tabernáculo representava o princípio Emanuel, de que fala O. Palmer Robertson em *O Cristo dos pactos*. Deus estava conosco, numa prévia do que seria o dia em que o Verbo se faria carne e habitaria (“tabernaculária” ou armaria sua tenda, *skenoo*) entre nós (João 1.14). Depois foi feito o templo, construído em Jerusalém e novamente regulado por Deus, construído por Salomão no contexto do pacto com Davi. Curiosamente a terminologia do mandato cultural (cultivar e guardar) reaparece no contexto do templo. O AT descreve os sacerdotes de Israel como guardas do templo (1 Crônicas 9.23). Suas funções são descritas em termos de guardar. Eles são descritos como guardiães com a expressa função de “não entrasse ninguém que de qualquer forma fosse imundo” (2 Crônicas 23.19). Após a construção do templo, Deus fala com Salomão e com o povo e de novo estas duas palavras aparecem, em referência a guardarem (*shamar*) os mandamentos e não servirem (*abad*) outros deuses (1 Reis 9.6,7). Como fora com o jardim, dominamos para Deus este mundo a partir do templo. Assim como no jardim, a entrada era pelo lado oriental. Assim como no jardim, simbolicamente tínhamos a figura de querubins em cada lado da arca protegendo o acesso ao lugar mais santo. No templo de Salomão, o mesmo acontece. No tabernáculo, ao mesmo tempo em que há restrições edênicas de acesso a Deus e à árvore, começamos a voltar a ter acesso a Deus, ainda provisoriamente, por meio dos sacerdotes que protegiam e ao mesmo tempo faziam os sacrifícios para permitir a entrada em condições de pureza (veja Levítico 16 e o *Yom Kippur*). O tabernáculo e o templo são adornados de forma a lembrar a riqueza vegetal e mineral do jardim no Éden. Cortinas, colunas, eram adornadas com imagens de romãs, lírios, palmeiras e outros motivos que faziam com que o lugar da habitação de Deus com seu povo, no deserto e, depois na terra prometida, fosse semelhante ao jardim original. Mas com acesso restrito ao custo de sangue sobre o propiciatório. O candelabro (menorá) de 7 braços funcionava como uma provável representação da própria árvore da vida com seus galhos e detalhamento artístico com temática botânica. Ele é descrito em Êxodo 25 como tendo cálices em formato de amêndoas e flores e a luz da vida ali presente. O sumo sacerdote tinha uma roupa na qual levava pedras preciosas. Inclusive havia a rara combinação de ouro e ônix que aparecem pela primeira vez em referência à terra de Havilá. Ezequiel, em sua profecia, fala bastante acerca do templo celestial, do qual o templo e tabernáculo terrenos são apenas cópias. Hebreus 8.5 (9.9 e outras passagens de Hebreus) nos explica que os terrenos são cópias do celestial. São diversas as considerações bíblicas sobre o assunto. Que deleite! Leia mais sobre o assunto!

bela e não destrutiva o que Deus colocou sob seu comando.¹⁵ Profeticamente deveria investigar a verdade do mundo de Deus e construir sobre ela; pensar os pensamentos de Deus após ele e assim, de forma receptiva e criativa, criar sobre o material bruto que Deus criou.

Quando pensamos em jardim no Éden, temos imagens diversas na cabeça. Talvez a sua, dileto leitor, envolva uma rede e pés para cima; ou, talvez, envolva fontes de chocolate. Outros pensam em um lugar de férias eternas, o bendito ócio. Um local onde os abacaxis se descascam sozinhos e pulam nas mãos da gente. A pessoa fica melada e pula no rio Eufrates para se limpar; tem fome de novo e volta agora para os cajus ou jabuticabas e assim vai... Basicamente, um lugar de deleites e descanso.

Mas o projeto divino para Adão não era o de ficar deitado eternamente em berço esplêndido ao som do Pisom e à luz do céu profundo.¹⁶ Era um ciclo de trabalhar e descansar.¹⁷ Adão iria começar a utilizar sua capacidade como imagem de Deus a fim de desenvolver o mundo agindo como subcriador em nome de Deus.¹⁸ Derivando a partir do que Deus criara *ex-nihilo*, a ideia era que o jardim fosse expandido e trabalhado ao longo de todo o globo, com o desenvolvimento de uma maravilhosa cultura que servisse ao Senhor e que encheria a terra do conhecimento de Deus como as águas cobrem o mar. O homem não foi feito para meramente colher o que já existia, mas para desenvolver por meio de cultivar e guardar. Richard Middleton explica:

15 Sobre a falha moral humana em ser o protetor da criação, veja meu artigo “Sobre leões e Lamborghinis: medindo a maldade do mundo maldito”, no site Reforma 21. Disponível em <http://reforma21.org/artigos/sobre-leoes-e-lamborghinis-medindo-a-maldade-do-mundo-maldito.html>

16 Já que falamos nele, o Hino Nacional Brasileiro remete também a um aspecto exploratório, ao tratar de uma nação erguida no agora desbravado Novo Mundo, o continente americano.

17 Neste artigo estamos enfatizando o anseio criacional ligado a explorar o mundo. É inegável que há muitos de nós humanos que enfatizam outro aspecto: o de criar raízes e habitar uma porção de terra em segurança e tranquilidade diante de Deus. Não há nada errado em, como diria Peninha, querer “ter na vida simplesmente um lugar de mato verde para plantar e para colher/ter uma casinha branca de varanda, um quintal e uma janela para ver o Sol nascer”. Gostamos de explorar, mas também gostamos de refúgio. Para uma breve e profícua discussão sobre a imagem de Deus e o aspecto agrícola, veja J. Richard Middleton em seu livro *A New Heaven and a New Earth*, p. 40-44.

18 Para breve discussão sobre a ideia de subcriação, veja meu outro artigo neste livro: “Ler ficção é bom para pastor”.

Gênesis 2 representa a agricultura (um jardim cultivado) como o primeiro projeto comunitário, cultural da humanidade. Na verdade, uma vez que foi Deus quem plantou o jardim em primeiro lugar, pode-se dizer que Deus iniciou o primeiro projeto cultural, estabelecendo assim um padrão para os humanos — criados à imagem divina — seguirem. Como Gênesis 2, o Salmo 104 também vê a agricultura como definitiva para os humanos... Enquanto o gado (como organismo biológico) simplesmente come a grama que Deus lhes dá, humanos (como seres culturais) se tornam fazendeiros e desenvolvem o produto da terra, transformando uvas, azeitonas e trigo em vinho, azeite e pão, para seu próprio sustento e gozo... Enquanto o Salmo 104 e Gênesis 2 focam em agricultura, o Salmo 8 mostra a criação de animais como uma atividade básica da humanidade no mundo de Deus. Humanos são coroados com dignidade real e recebem autoridade ou domínio sobre diversas esferas de vida animal — terra, ar e água (vs. 5-8). Gênesis 1.26-28 combina todos esses temas na ideia dos humanos como *imago Dei* (a imagem de Deus). Esses versos mostram os humanos como criados para governar sobre o reino animal e subjugar a terra. Com sua ênfase na agricultura e na criação de animais, que são as bases para a organização humana em sociedade, Gênesis 1 visualiza em última instância o desenvolvimento de todos os aspectos da cultura, tecnologia e civilização... A tarefa real de exercer poder para transformar o ambiente terreno em um complexo mundo sociocultural que glorifica o criador (o chamado mandato cultural) é portanto uma tarefa santa, uma vocação sagrada, na qual a raça humana como imagem de Deus na Terra manifesta algo do próprio domínio do criador sobre o cosmos.¹⁹

Até onde deveria ir tal desenvolvimento cultural e tecnológico? Será que sem a Queda, em alguns séculos Adão seria o primeiro astronauta? Ou deixaria a honra para um de seus filhos? É claro que não sabemos, e é um tanto inútil especular, mas o desenvolvimento tecnológico, por certo, viria. Penso, inclusive, que seria ainda mais acelerado.²⁰ Primeiramente, porque a criação não nos resistiria do jeito que faz. Em segundo lugar, porque não ha-

19 J. Richard Middleton, *A New Heaven and a New Earth*, p. 42, 43.

20 Aliás, não sabemos o quanto de desenvolvimento tecnológico foi perdido por ocasião do dilúvio. Tive boas conversas com o rev. Wadislau sobre essas possibilidades. Inclusive, ele lançou em tais conversas a ideia para um promissor filme de ficção científica ligado a isso. Não posso falar muito; vai que roubam a ideia!

veria os efeitos noéticos do pecado dificultando a operação de nossas mentes. E, por fim, em razão das inúmeras situações destrutivas causadas pelo pecado que geram atraso no desenvolvimento humano.²¹

O fato é que somos exploradores e esse anseio humano aparece nas nossas obras fictícias. Como Tolkien sugere,²² há alguns anseios básicos que aparecem reiteradamente nas lendas e fábulas. Um deles é o de explorar os limites do espaço e do tempo; conhecer o que se passa além de nossas fronteiras, e isso é universal. Nossas lendas e nossos planos envolvem ir aonde ninguém foi antes. Seja aquela cachoeira atrás do vale, o continente d'além mar, ou Andrômeda. O homem deseja conhecer o que há nos limites do planeta bem como fora deste planeta. Nossa ciência e nossa ficção artística mostram isso de maneira estupenda. E isso não é por causa da Queda, mas apesar dela.

EXPLORADORES POR NATUREZA

Crianças amam explorar. Saem pelo quintal e por vezes além dele buscando encontrar coisas desconhecidas. Seja um riacho que passe atrás da propriedade, uma toca misteriosa ou um acesso impensado ao terreno do vizinho; amam buscar estender os limites de sua própria territorialidade. Acabam, é fato, por vezes se metendo em encrenca com linhas do trem ou animais perigosos. Crianças amam explorar também residências ou outros espaços artificialmente subcriados pelo homem. Minha filha de 3 anos, por exemplo, ao chegar a uma casa que não conhece, inevitavelmente sairá explorando se não for impedida pelos pais envergonhados. E ela não é *sui generis*. Crianças querem saber o que há detrás daquela porta, ou virando por aquele corredor. Se não forem cuidadosos ao explorar casas desconhecidas, podem, por exemplo, abrir guarda-roupas que os levarão a lugares onde é inverno sempre e o Natal nunca chega.

21 Sim, estou ciente de que várias das tecnologias que temos são advindas, por exemplo, de pesquisas na indústria bélica. Assim como a própria corrida espacial teve a fortíssima motivação política da Guerra Fria entre países da OTAN e do Pacto de Varsóvia. Mas penso que diversas dessas teriam, de uma forma ou de outra, sido atingidas.

22 Veja discussão em que Tim Keller aplica isso ao contexto da comunicação do evangelho. Cf. Timothy Keller, *Fé cristã na era do ceticismo*, p. 148. Discussão mais ampla sobre o tópico no livro do próprio J. R. R. Tolkien, *Sobre histórias de fadas* (São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010).

Fomos feitos por Deus para explorar o mundo em nome dele. É um anseio natural advindo do mandato cultural.²³ A visão reducionista da ciência nos denomina *homo sapiens*, enfatizando nossa capacidade de conhecimento em comparação a outros seres vivos. Isso é verdade, mas somos muito mais que isso. Somos *homo ludens*, *homo narrativus*, *homo faber*, *homo religiosus* e, por que não, *homo explorens*.²⁴ Queremos desbravar. Queremos conhecer lugares a que não temos acesso ainda.²⁵

Basta investigar a história da humanidade e veremos o impulso de expandir as fronteiras. Por vezes, as migrações ocorrem por força maior: eventos como fomes, guerras ou mesmo pestilências. Mas missões exploratórias são comuns à humanidade desde a antiguidade, assim como lendas sobre cidades e lugares perdidos. A era das grandes navegações, por exemplo, ampliou o conhecimento que temos desse mundo. E a história é pontilhada por grandes exploradores e viajantes como Fernão de Magalhães, Vasco da Gama, Francis Cook, Marco Polo, Francis Drake, Roald Amundsen, Meriwether Lewis e William Clark — apenas alguns dos que, com intrepidez e força, expandiram o mundo. Procure ler o que esses homens fizeram, são obras de gigantes.²⁶

É claro, boa parte da exploração global não foi motivada pelo simples anseio de ampliar fronteiras, mas pelo desejo de conquistar territórios. Objetivos militares, econômicos e políticos motivaram boa parte da exploração

23 É claro que há outros anseios. O próprio desejo científico bem como o anseio artístico estão envolvidos nisso.

24 *Ludens* diz respeito ao brincar, *faber* ao construir ou fabricar, *narrativus* denota a ideia do homem como apreciador e criador de histórias, *religiosus* indica o sentido transcendental do homem. Há muitas outras designações utilizadas de forma mais ou menos séria. Devo a meu amigo Josaiás Ribeiro Júnior e Filipe Schulz a descoberta da terminologia correta para descrever o aspecto exploratório: *homo explorens*.

25 O livro *100 Places You Will Never Visit: the world's most secret locations* de Daniel Smith traz uma deliciosa lista de lugares intrigantes de acesso muito restrito, como o cofre de sementes mundial em Svalbard, o quartel-general do Mossad em Israel, a zona de exclusão em Chernobyl e muitos outros. Pronto, entreguei um de meus mais bem guardados segredos no que diz respeito à ilustração de sermões. Veja ainda *Atlas Obscura*, tanto o sítio da *Internet* quanto o livro.

26 Dentre outros feitos, eles exploraram o oriente, o oeste americano, os mares, a Antártida, os caminhos para as Índias e até a segunda divisão do campeonato brasileiro. Há um livro, já em domínio público, que reconta boa parte das grandes explorações do mundo. Procure por *A Book of Discovery: a history of the world's exploration, from the earliest times to the discovery of the South Pole*, de M. B. Synge.

mundial.²⁷ Alexandre, o Grande, por exemplo, marchando com seus exércitos até à Índia. Cristóvão Colombo desembarcando na América. Vasco Balboa cruzando o istmo do Panamá e navegando no Oceano Pacífico. Além disso, homens como o missionário, médico e explorador David Livingstone²⁸ investigaram extensivamente e registraram muito sobre locais ainda pouco conhecidos dos europeus.

Na era espacial, voltamos nossos olhos para as possibilidades de ir além e visitar outros corpos celestes. Vicariamente, já andamos na Lua, quando nossos representantes deram pequenos passos para o homem e grandes para a humanidade.²⁹ Na época, a Guerra Fria alimentou a corrida espacial e os Estados Unidos e a União Soviética disputavam a supremacia do espaço ferozmente. Desde então, os esforços exploratórios arrefeceram consideravelmente, principalmente em termos de viagem com humanos. Mas, é claro, há a Estação Espacial Internacional. Volta e meia, a ideia de colocar homem em Marte reaparece no imaginário popular.³⁰

Embora possamos conhecer bem a superfície da Terra, uma fronteira ainda relativamente inexplorada é a do mundo submarino. Nossos oceanos ainda seguem cheios de mistérios. Homens como Jacques Cousteau³¹ contribuíram tremendamente para nosso entendimento dessa região do globo, mas ainda permanece repleto de áreas a explorar, em profundidades proibitivas.³²

27 É claro, muitos destes, tecnicamente falando, não desbravaram áreas inabitadas sobre o globo; afinal, já havia gente habitando na América e na Índia. É uma visão eurocêntrica. Mas de qualquer maneira esse conhecimento foi importante em unificar o entendimento geográfico global e expandir os horizontes dos diferentes povos acerca do que existe em lugares longínquos.

28 Alguns resistem em chamar Livingstone de missionário. Talvez de fato ele seja mais famoso como explorador; mas, de qualquer forma, seus anos na África por certo produziram muitos e interessantes frutos.

29 Doze homens já pisaram na Lua. Neil Armstrong e Buzz Aldrin foram os dois primeiros. Não, eu não dou crédito algum às teorias da conspiração que afirmam que o homem não foi à Lua.

30 O livro *Perdido em Marte*, de Andy Weir (e o filme baseado nele), foi um dos que novamente trouxe Marte à atenção popular.

31 “O oceano, quando lança seu feitiço, prende-nos em sua rede de maravilha para sempre” — Jacques Cousteau.

32 Há diversas obras de ficção científica que lidam especificamente com essa fronteira. Lembro-me de ler *Esfera*, de Michael Crichton, *Deep Storm*, de Lincoln Child, e *20 mil léguas submarinas*, de Júlio Verne. Ando interessado em ler *Twenty Trillion Leagues Under the Sea* (St. Martin's Griffin, 2015), de Adam Roberts.

Concluindo esta seção, vale repetir que o instinto exploratório do homem é criacional. O homem é feito por Deus para dominar esse mundo, cultivar e guardar a criação. É natural querer ver tudo o que Deus fez por aqui e fora daqui. Como tantos outros impulsos criacionais, isso não é perdido no homem caído. Pensemos mais sobre como esse impulso continua mesmo no homem rebelde, morto em seus delitos e pecados.

O ANSEIO POR EXPLORAR CONTINUA NO MUNDO CAÍDO

“Por que escalar o Monte Everest? Porque ele está lá.”

— George Mallory

Como se dá após a Queda o impulso por exploração? Ele segue caminhos diversos, alguns dos quais provavelmente existiriam de qualquer forma sem a Queda, mas agora manchados pelo pecado. Vale a pena considerar isso. Mesmo o homem rebelde continua vivendo no mundo de Deus e agindo, em grande parte, da forma que Deus o fez para agir. Sua rebelião não implica parar de usar o sistema cardiorrespiratório nem deixar de explorar o mundo, e muito menos parar de se multiplicar e encher a Terra. É impossível ao homem deixar de ser *imago Dei*.

Mesmo o homem caído continua seguindo, ainda que em rebeldia, na direção geral que Deus o fez para seguir. Pela graça comum de Deus, o homem é inconsistente com sua própria cosmovisão rebelde. Se não fosse assim, seria incapaz de conseguir habitar nesse mundo. Ele nega a Deus, mas utiliza a inteligência dada por Deus, o tempo, os recursos e as oportunidades dadas por Deus, para operar e desenvolver o mundo feito por ele, o qual funciona com estabilidade projetada e assegurada por ele mesmo. Mas o fazem em rebeldia. Trata-se do que Cornelius Van Til chamava de “operar com capital emprestado”. William Edgar explica:

Esse paradoxo tem muitas formas. Algumas pessoas são fortemente convencidas da presença de Deus, mas rejeitam aquilo que ele requer. Outras têm altos padrões éticos, mas não conseguem enxergar, porque é preciso Deus para justificá-los. Mas o que importa é que o conhecimento arraigado de Deus que todas as pessoas têm está intimamente ligado à moral, aos relacionamentos pessoais, à culpa, estética e assim em diante — em suma, com tudo que conta em nossa experiência.³³

33 *Razões do Coração* (Mogi das Cruzes: Refúgio, 2000), p. 58.

Pela graça comum, vemos, logo no início do livro de Gênesis (4.20-22), diversos descrescentes da linhagem de Caim desenvolvendo este mundo. Ao fazerem isso, Deus é glorificado, ainda que de maneira não intencional. Eles não dão glória a Deus, mas seus avanços tecnológicos o fazem. Jabal desenvolve a pecuária e a habitação em tendas. Jubal desenvolve a música em harpa e flauta. Tubal-Caim projeta ferramentas a partir de metais como bronze e ferro. E assim tem sido. O homem rebelde tem desenvolvido toda sorte de maravilha com a criatividade dada por Deus. E, além disso, tem olhado para cima com afínco a fim de entender esse universo.

O homem rebelde continua agindo com o instinto exploratório e desenvolvedor, mas agora o faz em rebelião, sem reconhecer o criador ou lhe dar graças (Romanos 1.18-32). Assim ele segue buscando alargar o mundo, mas de forma distorcida. Por exemplo, enquanto antes da Queda o ampliar de fronteiras seria feito em honra a Deus, agora ele é feito em grande parte para exaltar o nome do homem, trazendo glória a si mesmo. Certamente este foi um elemento que serviu de combustível para muitos exploradores. Um interessante exemplo que vale ser conhecido é a competição entre Roald Amundsen e Robert Falcon Scott no início do século XX, para decidir quem seria o primeiro a atingir o pólo Sul. Essa concorrência foi, em grande parte, motivada pelo desejo de receber a notoriedade histórica de fazer seu nome grande entre as nações.³⁴

Boa parte dos anseios humanos de “sair por aí” envolvem fatores mais escusos que o mero explorar criacional, como o desejo de fugir de si e de seus problemas. Explorar o novo shopping de descontos que abriu e gastar o que não se tem. Deixar de lado o trabalho e as responsabilidades, pois há um novo bar/restaurante/lanchonete para conhecer. Quantos adultos e jovens vagando por aí não estão atrás de algo que encontrariam perto enquanto procuram longe?³⁵

34 Curiosamente, os dois se voltaram para o pólo Sul por causa das notícias de que Robert Peary havia alcançado o grande objetivo de chegar ao pólo Norte em 1909. Assim, este que era o principal alvo de destemidos exploradores, perdeu grande parte de seu apelo. Curiosamente, desde então há sérias dúvidas acerca de se Peary de fato chegou lá ou não. Alguns sugerem erros de cálculos, outros falam em mentira mesmo. É um assunto fascinante.

35 Vale assistir o lindo “Na Natureza Selvagem”, filme de 2007, baseado no livro de Jon Krakauer e que conta a triste história real de Cris McCandless, um jovem que, após terminar a faculdade, saiu para explorar o país como sonho de chegar até o Alaska. Uma constante na vida tão variada dele nos anos seguintes parece ser a proximidade da felicidade relacional, mas que ele segue abandonando repetidamente em busca de um “sei-lá-o-que” existencial.

Preencher o vazio existencial pascal-agostiniano³⁶ via exploração é mais uma forma na qual isso se mostra. A constante busca por novidade e de adrenalina pode mover muitos. Pode ser ainda algo um tanto mais sinistro: “O homem saiu para explorar outros mundos e outras civilizações sem ter explorado seu próprio labirinto de passagens escuras e câmaras secretas, e sem encontrar o que está por detrás de portais que ele mesmo selou”.³⁷ É bem possível que tanto esforço destinado a ir longe esteja ligado ao desejo de não ver o que está perto, pois sabemos que há trevas.³⁸ Ou, por vezes, trata-se apenas do mero desejo de evitar o tédio urbano por meio, quem sabe, da exploração por aqui e ali. Quais são algumas formas nas quais o *homo exploreans* se mostra no mundo caído? Nem todos querem de fato suar o rosto e sair vagando pelas trilhas do planeta. Mas há várias formas em que vemos o anseio por ampliar fronteiras. Exploremos algumas.

O ANSEIO CARTOGRÁFICO

Os mapas são um importante exemplo do instinto exploratório humano. Estes acompanham a história da humanidade funcionando como coor-

36 Gostou da expressão? Só estou lembrando o que disse Agostinho: “Fizeste-nos para ti, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”. Blaise Pascal, por sua vez, disse: “O que essa busca e inquietação revelam, se não que houve um dia em que nós tínhamos verdadeira alegria, da qual o que resta é apenas um esboço e traços vazios? O homem tenta sem sucesso preencher o vazio com tudo o que o cerca, buscando em coisa ausentes a ajuda que não encontra nas que são presentes, mas todas são incapazes de fazê-lo. Esse abismo infinito só pode ser preenchido com um objeto infinito e imutável, quer dizer, o próprio Deus. Apenas ele é nosso verdadeiro bem. Desde o tempo que o largamos, é curioso que nada foi capaz de tomar seu lugar: estrelas, céu, terra, elementos, plantas, repolho, alho-poró, animais, insetos, bezerros, cobras, febre, pragas, guerra, fome, vício, adultério, incesto. Desde o tempo em que perdemos o verdadeiro bem o homem pode vê-lo em todo lugar, mesmo em sua própria destruição, embora seja tão contrário a Deus, à razão e à natureza. Alguns buscam esse bem último na autoridade, outros na busca intelectual de conhecimento e outros no prazer”. *Pensées and other writings* (Oxford, UK: Oxford University Press, 1999), p. 12.

37 Stanislaw Lem, *Solaris* (Mariner, 2002), p. 157.

38 Discorrendo sobre a grandeza da faculdade da memória, Agostinho exclama: “Grande admiração surge em mim por causa disso, a estupefação me arrebatava. E os homens vão admirar a altura das montanhas, as ondas indigentes do mar, as quedas enormes dos rios, a amplidão do oceano, as órbitas das estrelas, mas esquecem de si mesmos e não admiram de que tudo isso que acabei de dizer eu não o via com os olhos, e no entanto não o teria dito se montanhas e ondas e rios e estrelas, que vi, e o oceano, no qual acredito, não os visse interiormente em minha memória, tão grandes em dimensão, como se os visse lá fora”. *Confissões* (São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016), p. 260-61. Agradeço ao editor Felipe Sabino por me mostrar essa citação.

denadas e descrições que mostram o que conhecemos, onde habitamos e o que desejamos achar. Há antiquíssimos mapas babilônicos gravados em tabuletas de argila retratando a posição de rios e montanhas da região. Mesmo o Éden tem direções geográficas dadas por Moisés (Gênesis 2.8-15). Sobre a função dos mapas, Peter Turchi afirmou:

Acredita-se que os mapas mais antigos foram criados para ajudar as pessoas a acharem seu caminho e reduzir o medo do desconhecido... Agora, como antes, registramos grandes conflitos e descobertas significativas. Nós organizamos informação no mapa a fim de ver nosso conhecimento de uma nova maneira. Como resultado, mapas sugerem explicações; e enquanto explicações nos reasseguram, também nos inspiram a fazer novas perguntas, considerar outras possibilidades. Pedir um mapa é dizer “conte-me uma história”.³⁹

Eu confesso que sou um tanto fascinado com mapas. Sou desses de comprar atlas e guias rodoviários e mesmo livros com mapas de lugares imaginários apenas para ficar estudando cada um deles. Sei, com certeza, que não sou o único biruta dessa estirpe. São inúmeros os amantes da cartografia. Fazer mapas é de nossas atividades favoritas como humanos — tomar propriedade sobre o espaço por meio da prática de limitá-lo ao papel. Por que esse impulso? Uma sugestão bastante curiosa é que:

O fazer mapas preenche um de nossos mais antigos e entranhados anseios: entender o mundo ao nosso redor e nosso lugar nele. Mas mapas não precisam mostrar apenas continentes e oceanos: há mapas para o céu e o inferno; para a felicidade e o desespero, mapas de humores, matrimônio e lugares mitológicos... Há mapas especulativos do mundo antes dele ser conhecido, e mapas

39 Peter Turchi, *Maps of the Imagination: the writer as cartographer* (Trinity University Press, 2004), p. 11-12. O livro é interessantíssimo e conecta a cartografia com a literatura, as duas atividades tendo a função de ajudar as pessoas a entenderem quem são e onde estão em relação ao mundo. As duas atividades envolvem escolhas sobre nível de detalhamento, o que deixar de fora, o que incluir. Envolvem reduções e aproximações, bem como o uso imaginativo do entendimento do próprio ser em relação ao mundo. Veja ainda o livro seguinte de Turchi: *A Muse & a Maze: writing as puzzle, mystery and magic*. Assim, os assuntos de meus dois artigos neste livro se correlacionam. Que vontade de escrever muito mais sobre o assunto. Quem sabe não tomo coragem e faço isso num livro próprio, em vez de ficar abusando do livro alheio.

para lugares secretos conhecidos apenas do mapeador. Os mapas dos artistas mostram outro tipo de reino não explorado: a imaginação. O que todos esses mapas têm em comum é a disposição de seu criador de se aventurar além das fronteiras da geografia e das convenções.⁴⁰

Muitas das obras de ficção envolvem a criação de mapas. Desde os muito elaborados, com os de Tolkien na Terra-Média ou de George R. R. Martin em Essos, até os mais básicos e simplórios, são inúmeros os mapas fictícios. Ao investigá-los, não costuma haver nem cansaço nem enfado.

O homem, por meio da prática de mapear o mundo, lida com ele em sua grandeza e estranheza. Imagina como esse mundo pode ou poderia ser. Tenta abarcar um pouco dessa imensidão por meio do registro visual dos espaços. É uma forma de explorar sem sair da segurança de seu lar. Como explica Katharine Harmon: “Parte do que nos fascina quando olhamos um mapa é habitar a mente de seu criador, considerar aquele particular terreno da imaginação sobreposto com as linhas de contorno impresso da experiência”.⁴¹ Mapas fazem a região ser apropriada por quem a desenhou e repossuída pelo leitor. Somos coautores da experiência de examinar o mundo por meio de sua representação. Mapas aguçam e domam, ao mesmo tempo, um pouco do nosso instinto exploratório.

Manifestações artísticas diversas têm a função de recortar o mundo e imaginá-lo em arte. Reduzi-lo ao mesmo tempo em que o amplifica. Os mapas têm objetivo similar: ao lidar com a imensidão criada e tentar recortá-la, por meio de seu registro gráfico. Somos *homo explorens* e mapeamos nossos achados.

SUBINDO MONTANHAS

Outra forma peculiar em que o *homo explorens* se mostra nesse mundo é por meio da escalada de montanhas e outros acidentes geográficos de acesso proibido. Focaremos em montanhas, mas facilmente poderíamos investigar a busca por grutas remotas, praias desertas, florestas virgens etc.

40 Katharine Harmon, *You Are Here: Personal Geographies and Other Maps of the Imagination* (Princeton Architectural Press, 2003), p. 10 e 11.

41 *You Are Here*, p. 11.

Por que se dar ao trabalho de enfrentar o perigo de subir o Evereste? “Por que ele está lá”, respondeu o grande alpinista George Mallory.⁴² E a resposta satisfaz, não é mesmo? Entendemos isso num nível tácito. Não é preciso que a escalada ou o mero passeio pela mata atinja algo externo, pois a exploração nos basta e é valiosa. O escritor e também alpinista Jon Krakauer certa vez escreveu que “a maioria dos alpinistas não é de fato biruta, estão apenas infectados com uma estirpe particularmente virulenta da Condição Humana”.⁴³ O fato é que o desejo por subir onde ninguém ainda subiu é antigo na humanidade.⁴⁴ Certamente há, misturado ao impulso exploratório criacional, um desejo que pode ser um tanto idólatra de conquistar para sua própria glória, custe o que custar.

De qualquer forma, o montanhismo fascina grandes multidões. São inúmeros os relatos publicados de escaladas a montanhas. Lembro-me de ler, na adolescência, a história de Dick Bass, o primeiro homem a escalar os chamados “sete cumes”, as montanhas mais altas de cada continente.⁴⁵ Que

42 Mallory faleceu na tentativa de escalar o Evereste em 1924. Não se sabe ao certo se conseguiu ou não. Oficialmente, os primeiros a escalar o pico foram Edmund Hillary e Tenzing Norgay, apenas em 1953. Talvez nunca saibamos se Mallory foi o primeiro ou não. Na sua malfadada tentativa, ele acabou morrendo junto com seu parceiro de escalada Andrew Irvine. Foram vistos, pela última vez, a cerca de meros 250 metros verticais do cume. Mas o que não se sabe é se foi na subida ou na descida. Uma expedição encontrou o corpo de Mallory em 1999. Há várias tentativas de se concluir a questão com base em elementos diversos como seus ferimentos e equipamentos. Uma evidência muito interessante surgiu: sua filha disse que Mallory costumava levar no bolso do peito de seu casaco o retrato de sua esposa, com a intenção de deixá-lo no cume. Não encontraram o retrato nas roupas de Mallory. É possível que talvez ele tenha chegado ao cume e deixado o retrato lá em honra à sua esposa, morrendo no retorno do cume, e não na subida, como comumente se aceita. Eu gosto de pensar que ele foi o primeiro a subir. E que deixou ali na intempérie mais extrema do planeta uma homenagem à carne de sua carne.

43 Jon Krakauer, *Eiger Dreams: Ventures Among Men and Mountains* (Anchor Books, 1990), p. x.

44 O livro de Robert Macfarlane, *Montanhas da Mente* (Objetiva, 2005), lida um pouco com essa história e aspectos interessantes da fascinação humana com montanhas. Macfarlane mostra como no século XVII, em particular, esse impulso tomou maior forma.

45 São elas: Aconcágua (América do Sul), Evereste (Ásia), Elbrus (Europa), Denali (América do Norte), Kilimanjaro (África), Massif Vinson (Antártida), Kosciuszko (Oceania). Veja Dick Bass, Frank Wells e Rick Ridgeway, *Seven Summits* (Warner Books, 1986). Além deste há diversos livros que lidam com escaladas aos sete cumes ou outros desafios do alpinismo. Há certa controvérsia acerca de qual é de fato o conjunto dos sete. Muitos, em vez do Kosciuszko, preferem contar a Pirâmide Carstenz em Irian Jaya. Alguém já disse que, curiosamente, um desafio maior que subir o pico mais alto de cada continente, seria subir o segundo mais alto, pois são em geral escaladas tecnicamente mais difíceis. De fato,

tarefa hercúlea! Mas humanos querem fazer esse tipo de coisa o tempo todo, ainda que em menor escala. Subir naquela pedra, escalar aquela árvore, nadar até aquela ilha, visitar aquela rocha lindona que paira no céu e ilumina nossas noites. Não por ser fácil, mas por ser difícil.

Mas, pensando teologicamente, por que subir montanhas? Parte pode ser o desejo por reconhecimento, enquanto para alguns é a coisa em si, com seus desafios e emoções inerentes. O já mencionado Jon Krakauer tem um excelente livro em que reflete sobre a mentalidade do alpinista e seus desafios. O título do livro, *Eiger Dreams: ventures among men and mountains* [Sonhos do Eiger: aventuras entre homens e montanhas], faz referência ao Eiger, um pico belíssimo na Suíça. A sua face norte é material de lendas.⁴⁶ Uma das mais belas, técnicas e difíceis escaladas do planeta. Krakauer conta sobre uma ocasião em que tentava subir o Eiger, e junto a ele estava outro alpinista. Ele compara as motivações: “Uma das diferenças entre nós era que Marc queria muito subir o Eiger, enquanto eu queria muito ter subido o Eiger. Marc, entenda, está naquela idade em que a pituitária secreta uma superabundância daqueles hormônios que mascara emoções mais sutis, como o medo. Ele tende a confundir escaladas de vida ou morte com diversão”. O apelo difere; mas está lá. Para alguns, é o anseio pela adrenalina; para outros, é o sonho de ter conquistado algo que poucos conquistaram.

Parte de ser *homo exploreans* é querer tocar os pontos do globo que ninguém, ou quase ninguém, tocou. E, como estamos vendo, as montanhas são exemplos marcantes. Aliás, o tema de montanhas é um fortíssimo elemento bíblico-teológico. Podemos contar a história da redenção por meio da história de montanhas. Não penso ser coincidência que tantos sonhem subir

o K2 é bem mais difícil que o Everest, e apenas alguns metros mais baixo. Li muitos livros desse tipo nessa fase da vida. O que me fez entreter sonhos de aventuras em montanhismo. O máximo que consegui foi quase morrer no Pico da Bandeira numa excursão da mocidade da igreja. Mas ao menos terminei o *trekking* do *Camino del Inca* no Peru.

46 Dezenas de alpinistas já morreram por ali. Vários corpos já foram encontrados despedaçados na base da montanha. Krakauer conta que o corpo de um alpinista italiano ficou preso e pendurado em sua corda por cerca de três anos sem que pudesse ser alcançando... alternando entre balançar nos ventos do verão e ficar congelado no inverno. “O problema de escalar a face norte do Eiger é quem em adição a subir 6 mil pés [cerca de 2 km] de calcário e gelo negro, é necessário escalar a formidável mitologia. Os movimentos mais difíceis em qualquer escalada são os mentais, a ginástica psicológica para manter o terror preso, e a aura cruel do Eiger é intimidante o suficiente para sacudir a compostura de qualquer um”. Cf. *Eiger Dreams*, p. 1.

montanhas. O Salmo 24, por exemplo, fala sobre subir o monte do Senhor, e os elevados requerimentos morais para quem deseja fazê-lo. A história da redenção, em seu desenvolvimento pactual, pode ser contada por meio dos montes. O monte onde se localizava o Éden,⁴⁷ Monte Ararate com a arca, Monte Moriá com o cordeiro provido, Monte Sinai com seu terror e santa lei, Monte Sião onde se estabelece a cidade do grande rei, Monte da transfiguração⁴⁸ (Tabor), Gólgota e assim por diante.⁴⁹ Talvez haja, no coração humano, por causa da Queda, um entendimento de que é necessário transpor a distância para o monte santo do Senhor. Será que Deus fez o homem querer subir montanhas por causa disso? Será que o desejo humano de escalar envolve algum resquício do anseio babélico de subir? Não sei, mas Deus o sabe.⁵⁰ Mas que é interessante, isso é!

EXPLORAR O MUNDO TURISTICAMENTE

É possível explorar o mundo vicariamente, lendo a respeito do que os outros fizeram e absorvendo algo do deleite por meio de suas descrições. Sobra para o leitor uma boa porção do desfrute e apenas uma pequena fração do dispêndio. Muitos só ficam no sofá por causa dos limites diversos da vida: finanças, tempo, saúde. Mas, mesmo assim, conhecem algo do deleite da exploração. Infindáveis programas e documentários envolvem mostrar os lugares distantes dos nossos; locais exóticos, interessantes, nos quais a vida funciona de um jeito diferente. Canais de televisão como *Discovery* e *National Geographic* têm inúmeros fiéis seguidores. Programas de televisão como *Brasil visto de cima* fazem sonhar com a grandeza desse mundo mesmo estando na pequenez de um sofá. Coleções de documentários sobre o

47 Veja Ezequiel 28.11-15, onde o profeta parece identificar a primeira manifestação do monte santo de Deus como sendo o local onde estava o jardim de Deus no Éden. Para excelente discussão de como o Éden funcionava como o primeiro templo-montanha veja Beale, *The Temple and the Church's Mission*, p. 70-75.

48 Há especulação acerca de qual seria o monte, mas a Bíblia não diz. Monte Tabor e Monte Hermon são alguns dos favoritos dos que posam teorias. Em particular a igreja oriental parece tratar o monte Tabor como certamente o local da transfiguração. A expressão “luz tabórica” é já consagrada na igreja ortodoxa oriental para se referir ao brilho não criado que Cristo revelou naquele dia bendito.

49 Veja livro de Meredith Kline, *God, Heaven and Har Mageddon* (Wipf & Stock, 2006.) Inclusive o tabernáculo e o templo servem como réplicas terrenas deste local de encontro e habitação. Outros livros de teologia bíblica como os de Gerard Van Groningen, Geerhardus Vos, O. Palmer Robertson e G. K. Beale têm tratamentos desta temática também.

50 E seu eu gastar mais tempo explorando a questão o nosso amável editor irá me matar.

mundo, como aqueles produzidos por Richard Attenborough, são bastante populares. Visite qualquer livraria e você encontrará facilmente revistas sobre turismo e guias de viagem. O ramo do *travel writing*, relatos de viagens, é bem estabelecido e há diversas coletâneas reunindo o melhor do gênero.⁵¹ A *Internet* se tornou terreno fértil para blogues especializados em falar sobre o turismo, desde relatos e avaliações feitas por viajantes até páginas projetadas para ajudar viajantes com dicas para baratear os passeios, discussões sobre como passar noites em aeroportos com algum conforto, informações sobre locomoção e assim por diante.⁵² É infinito o interesse humano por viajar.

Explorar os limites do planeta remotamente é um deleite muito comum.⁵³ Mas, é claro, melhor que ler sobre viagens é viajar. Alguns amam viajar mesmo sozinhos. Parece ser, entretanto, uma atividade, em grande parte, alimentada pelo amparo do comunitário. Como disse sabiamente um autor, “a principal dificuldade da viagem solitária, eu decidi, era não ser possível voltar-se para seu companheiro e dizer ‘olha para aquilo! Amei aquilo!’. Quaisquer que fossem as revelações que se derramavam sobre você e a partir de você, elas eram somente suas”.⁵⁴ Há algo de glorioso no partilhar de momentos de êxtase turístico.⁵⁵

51 Veja, por exemplo, a coletânea annual *The Best American Travel Writing*.

52 Aproveito aqui para homenagear meu falecido pai, Emilio Garofalo Filho, grande amigo do rev. Wadislau. Não tenho dúvidas de que ele teria colaborado na seção de palavras pessoais deste livro. Ele, por certo, me infectou com o benéfico vírus do *wanderlust*. Nunca conheci alguém tão empolgado em discutir, por exemplo, as qualidades comparadas dentre os aeroportos do Brasil e do mundo. Grande entusiasta de aviação e meios de transporte em geral. Várias das viagens que sonhamos em fazer juntos ficaram por realizar. Sua morte prematura, humanamente falando, nos furtou de completar alguns planos desses que vamos deixando para depois e nunca acontecem. Hoje, em Cristo, explora terreno que ainda me é desconhecido.

53 Tenho descoberto que, assim como eu, não são poucos os que se deleitam em passear virtualmente por cidades utilizando o *Google Street View*.

54 Jane Smiley, “Alone in Iceland”. Artigo em *Better than Fiction 2: True adventures from 30 great fiction writers* (Lonely Planet Travel Literature, Kindle Edition), Locations 317-318.

55 Permita-me recomendar um excelente artigo de James K. A. Smith sobre contentamento ou alegria. Em *The State of Joy* (Comment Magazine, 22 de outubro, 2015), o autor faz algumas profundas considerações acerca de como experiências de felicidade frequentemente envolvem um senso de completude relacional e receptividade de dons gratuitos, muitas vezes conectadas ao contato com a natureza. Ele lida com ampla gama de autores, como Charles Taylor, David Foster Wallace, Pascal e Agostinho. Disponível online em <https://www.cardus.ca/comment/article/4718/the-state-of-joy/>

Estamos falando daquilo que os alemães chamam de *wanderlust* — o desejo por vagar ou viajar é parte integrante de ser humano. As férias, feriados e recessos servem, com enorme frequência, como oportunidade para sair por aí. É raro encontrar alguém que não ame viajar. Seja pelo prazer de conhecer novas culturas, ver locais bonitos, experimentar alimentos e costumes diferentes, o viajar está embutido no coração humano.⁵⁶ Muitos, inclusive, idolatram tal coisa. Tratam como a parte do ano em que realmente vivem, com o período de trabalho sendo uma espécie de mal necessário para acumular os recursos necessários para viajar.

Mesmo em tempos de crise econômica, as temporadas de cruzeiro seguem atraindo dezenas de milhares de pessoas e, ano após ano, as grandes armadoras como *Royal Caribbean International* e *Norwegian Cruise Lines* surpreendem o globo com novos gigantes dos mares, cada vez mais sofisticados e impressionantes.⁵⁷ Mesmo com o assombro do terrorismo islâmico e tantas outras mazelas globais, milhões de passageiros todos os anos se aventuram pelo globo, querendo conhecer Paris com seus cafés, Veneza com seus canais, Londres com seus assombros, Israel com sua história milenar, o Alaska com seu esplendor, Nova Iorque com suas torres, o Japão com sua suprema orientalidade e muito mais. Cada vez mais destinos um tanto exóticos como a Escandinávia, Turquia, Indonésia e Nova Zelândia entram nos roteiros populares. Mais décadas do que tenho disponíveis seriam necessárias para saciar minha *wanderlust*.

O turismo de aventura é cada vez mais frequente. Hoje facilmente se pode contratar um passeio que envolva riscos controlados e fortes emoções. Passeios que envolvem descidas com cordas, exploração de cavernas, trilhas (*trekking*), montanhismo, arvorismo, descidas de corredeiras e tantas outras

56 Recomendo o delicioso livro *Jesus Without Borders: What Planes, Trains & Rickshaws Taught Me About Jesus* (Zondervan, 2015), de Chad Gibbs. Gibbs visitou diversos países e seu ângulo no livro é conhecer não apenas diferentes culturas, mas, em particular, a cultura eclesiástica de diversas nações. O autor é muito perceptivo e engraçado, e disposto a questionar seus próprios pressupostos.

57 Parte do apelo popular dos navios de cruzeiro modernos é o fato de que chegou um ponto em que o próprio navio é encarado como o destino. Por vezes, o itinerário é quase que secundário. Navios que contam com dezenas de bares e restaurantes temáticos indo de fast food a refeições gourmet, parques aquáticos, simuladores, musicais da Broadway, academias de ginástica, lounges, e muito mais. A cada ano a indústria presencia o lançamento de novidades num acelerado e empolgante ritmo.

formas de explorar regiões da terra que ficavam limitadas a antigos aventureiros, mas que hoje estão disponíveis a pessoas comuns. Embora os velhos roteiros sigam atraindo quem quer ver o mundo, vemos cada vez mais companhias de turismo levando o homem a lugares que antes eram acessíveis apenas a exploradores. Expedições à Antártida, ao Pólo Norte, a ilhas setentrionais como Svalbard e os recantos mais escondidos da Groenlândia, e até mesmo a passagem noroeste⁵⁸ são, hoje em dia, viagens relativamente corriqueiras para quem pode pagar um bom dinheiro. Mesmo rotas árduas e perigosas como a própria subida ao Evereste hoje são abertas a ricos turistas que, não sem perigo e esforço, são levados ao cume por equipes treinadas.⁵⁹ A próxima fronteira do turismo envolve os passeios espaciais. Nada tão radical como idas até à Lua; mas, no mínimo, viagens turísticas a altitudes suficientes para contemplar a curvatura da Terra e a imensidão do espaço, além de experimentar por um pouco de tempo a ausência de gravidade.

Concluindo, o mundo é caído e insatisfatório. Mas, mesmo assim, seguimos buscando maneiras de explorar. Ainda que seja pisando onde outros já trilharam, inclusive retomando grandes feitos de maneiras improváveis e cada vez mais audaciosas. Na repetição e na inovação, algo do anseio é satisfeito. Um exemplo de repetição foi a expedição *Kon Tiki* de Thor Heyerdahl, em 1947, onde ele atravessou o Pacífico do Peru até a Polinésia numa jangada relativamente precária, tentando repetir as possíveis rotas de migração entre estes povos. Outro exemplo é a escalada ao Evereste. Depois dos primeiros chegarem ao topo, centenas chegaram também. E muitos buscaram formas de inovar; por exemplo, sendo o primeiro a subir sem auxílio de oxigênio suplementar, o primeiro a fazer a escalada solitária, e assim por diante. Aventureiros modernos, como Ernest Shackleton, Amyr Klink⁶⁰ e Reinhold

58 Rota marítima conectando os oceanos Atlântico e Pacífico, navegando ao norte do Canadá. Há também a passagem nordeste, navegando ao norte da Rússia. Não são caminhos fáceis, que fique bem claro.

59 O livro de Jon Krakauer, *No ar rarefeito* (Cia das Letras, 1997) trata dessas expedições semiturísticas e de seus riscos e ética.

60 Klink, por exemplo, fez algumas peripécias maravilhosas. Atravessou o Atlântico num barco a remo (veja o seu livro *Cem Dias entre Céu e Mar*); navegou até a Antártida sozinho onde invernou e de lá foi visitar o Ártico até retornar ao Brasil depois de 642 dias (*Paratii: Entre dois pólos*); e ainda por cima completou uma circum-navegação polar sozinho pelos mares do sul em épicos 88 dias (*Mar sem fim*). Seus livros são um deleite. Leia, pregador, leia.

Messner,⁶¹ buscam superar limites ou fazer o que ninguém fez antes, assombrando o mundo e abrindo rotas que depois passam a ser repetíveis. Muitos acabam se envolvendo em aventuras que estão além de sua capacidade, como atestam as diversas mortes de turistas no Himalaia nos últimos anos. É claro, a exploração que num mundo sem pecado nunca seria danosa ao homem, agora, muitas vezes, resulta em tragédia.⁶²

Cartografia, escaladas e turismo são apenas algumas das formas em que anseios criacionais continuam agindo mesmo após a Queda. O impulso segue, mesmo com suas fraturas morais. Os motivos criacionais se misturam a motivos rebeldes como idolatria e a busca de glória própria; mas, ainda assim, o homem avança e explora. E quanto a aspectos e expectativas redentivas? Será que elas se mostram nesse lado exploratório do mandato cultural? E a ideia de conhecer outros mundos? Seria isso algo apropriado para o cristão? Não é uma espécie de escapismo ou mesmo abandono da missão? Pensemos redentivamente sobre esses fatores na próxima seção.

RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS E LIMITES TECNOLÓGICOS

“A humanidade nasceu na terra. Mas ela não foi feita para morrer aqui.”

— Cooper, *Interestelar*

“Then, fancies, fly away,
He'll not fear what men say;
He'll labour night and day
To be a pilgrim.”⁶³

Cooper, o astronauta protagonista do filme *Interestelar*, em certo momento pronuncia a frase em epígrafe a respeito da humanidade não ter sido feita para morrer aqui. O que ele está falando é acerca de encontrarmos nos-

61 Messner é um tipo peculiar de maluco. Muitos o consideram o maior explorador vivo. Seus feitos são de fazer você, intrépido leitor, corar. Tocou tanto o pólo norte como o pólo sul. Atravessou o continente Antártico esquiando. Foi o primeiro a subir todos os 14 picos do mundo com altitude maior a 8 mil metros. Foi o primeiro a subir o Everest sem o auxílio de oxigênio suplementar. Ele escreveu diversos livros. Deleite-se em suas histórias.

62 O já mencionado livro *No ar rarefeito* narra a história da trágica temporada de 1996, em que morreram 8 pessoas no monte Everest.

63 John Bunyan, *The Pilgrim's Progress*, parte 2, Cap. XI. A primeira vez eu tive contato com essa espetacular citação foi em um livro de Amyr Klink.

so destino nas estrelas, indo além desta terra, como espécie sobrevivermos e, se necessário, buscarmos outros mundos. Não nos satisfazermos com o que temos aqui, deixar nosso legado em outros planetas. A frase é verdadeira, mas não exatamente nos termos que o autor pensava. Não fomos feitos para morrer; nem aqui nem em lugar nenhum. E a promessa bíblica é de que os que estão em Cristo encontrarão tal realidade. Nosso anseio por nova terra será concretizado. Pensemos sobre esse anseio.

HÁ LUGAR PARA NÓS LÁ FORA?

O desejo por explorar os limites territoriais não se atém ao planeta em que Deus nos colocou. Astrônomos desde a antiguidade tem se intrigado com o movimento dos corpos celestes.⁶⁴ A lista de grandes pensadores interessados nos movimentos dos astros é gigantesca e diferente da concepção popular, envolve cristãos que amavam ao Senhor e queriam entender o funcionamento deste e outros mundos para a glória dele. Há o aspecto deturpado da astrologia, a tentativa de ler o futuro por meio das supostas influências dos astros, prática proibida pelas escrituras (Deuteronômio 18.9-14). Estas são práticas dos pagãos que, no final das contas, acabam por divinizar os astros. Embora sejamos proibidos de utilizar as estrelas para divinações, somos instados a olhar para elas a fim de contemplar a grandeza majestosa daquele que as fez. A Bíblia nos indica que há grande espiritualidade em apreciar os céus estrelados e nisso se ver pequeno. No Salmo 8, Davi diz: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem que dele te lembres?” (Salmo 8.3,4). Quando Deus aparece no redemoinho a fim de arguir o seu amado Jó, ele faz perguntas épicas que revelam a pequenez humana e a grandeza do Senhor. Algumas delas envolvem a contemplação dos astros e de sua majestade. Uma amostra: “Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra?... Tens ideia nítida da largura da terra? Onde está o caminho para a morada da luz? Poderás tu atar as cadeias do Sete-estrela ou soltar os laços do Órion?” (Jó 38.4,18,31).⁶⁵

64 Aliás, nosso Wadislau é astrônomo amador e amável. Bem como alguns de seus netos! Na seção de palavras pessoais neste livro, conto a história de ir ver o cometa Halley com ele. A propósito, se um de vocês descobrir, queridos primos, uma estrela, tenho algumas sugestões de nome. Favor entrar em contato.

65 Há outras referências no livro. Jó 9.9, por exemplo, fala de Ursa, Órion, Sete-estrela (Plêiades) e as recâmaras do Sul.

Contemplar as estrelas serve para nos humilhar e nos exaltar. Serve ainda para atizar velhos anseios que, embora danificados, não foram perdidos na Queda. O que o homem ganha ao sonhar com explorar o universo?

ANSEIO PELA ETERNIDADE E EXPLORAÇÃO

O livro de Eclesiastes fala que Deus colocou a eternidade no coração do homem; mas, de uma maneira tal, que esse sentimento não é plenamente compreendido nem saciado debaixo do Sol (Eclesiastes 3.11). Teólogos chamam isso de *desiderium aeternitatis*. O desejo ou anseio pelo eterno. Muitos identificaram essa sensação um tanto difícil de descrever, ainda que não usando a mesma terminologia. Parece com o anseio pelo país que não visitamos de que fala C. S. Lewis, o desejo por explorar os limites do espaço e do tempo de Tolkien ou mesmo os sinais de transcendência de Peter Berger.

Sabemos que o mundo é mais que aparenta aos olhos. Não nos satisfazemos com o que temos. Um comentarista explica Eclesiastes 3.11 assim:

O autor quer dizer que Deus não apenas designou a cada um o seu tempo na história... mas também estabeleceu no homem um impulso que o leva além do temporal em direção ao eterno: está em sua natureza não se contentar com o temporal, mas romper os limites que este traça ao seu redor, para escapar da prisão e inquietude na qual ele é mantido, e no meio das incessantes mudanças do tempo se consolar dirigindo seus pensamentos para a eternidade.⁶⁶

Podemos dizer que o *homo explorens* está, ao mesmo tempo, seguindo um impulso criacional, distorcendo-o para seus maus motivos e buscando nisso algo similar ao que ele foi feito para buscar em termos de anseio pela eternidade, mas sem se dobrar diante da verdadeira fonte de vida. Em geral, autores tendem a conectar o *desiderium aeternitatis* a áreas da vida como as artes; mas penso que ele se mostra em muito mais. Aparece, por exemplo, em facetas diversas do brincar, seja em jogos infantis ou em esportes organizados.⁶⁷ E, penso ainda, que o espírito explorador da humanidade está

⁶⁶ Franz Delitzsch, *Commentary on Song of Songs and Ecclesiastes* (T&T Clark, 1891), p. 261.

⁶⁷ Veja meu artigo *A busca humana da diversão sob a ótica bíblica de criação-queda-redenção* na revista *Fides Reformata*, Vol. XVI, N° 2 (2011).

conectado a esse senso de eterno, de grandeza, de ir além. A humanidade tem mostrado isso desde o princípio.

E, em tempos recentes, embora tenhamos mais acesso a visitar este mundo, também há um senso de que o mundo ficou menor e menos misterioso. Em uma conversa com amigos sobre o tema, um deles, Fernando Pasquini, perceptivamente disse: “Devido à globalização — nós gostamos de acreditar em viagens espaciais e mundos alienígenas porque parece que não existe mais nada empolgante por aqui, no ‘vilarejo global’ que já ficou pequeno demais aos nossos olhos”.⁶⁸ De fato, hoje, é corriqueiro, ainda que não barato, viajar pelo mundo. Temos, por meio das redes sociais e outros produtos da globalização e da revolução digital, acesso sem precedentes a conhecer o planeta.

A ficção científica bem como a ciência de pesquisa aeroespacial tem levado adiante as ideias sobre a possibilidade de achar nova terra para essa humanidade. É impressionante como tantas histórias de ficção envolvem de uma forma ou de outra o entendimento de que este mundo está de alguma maneira quebrado e que precisamos resolver o problema. O homem sabe, instintivamente, que há algo de errado com esse mundo e nossa ficção frequentemente lida com esse entendimento. As ideias de colonização interplanetária e também de terraformação⁶⁹ estão maciçamente presentes na ficção científica, assim como as estórias de terras paralelas.⁷⁰ Embora, em grande parte, as histórias sendo produzidas hoje envolvam futuros distópicos,⁷¹ segue viva a chama da exploração interplanetária, da colonização espacial.

Certamente há ainda um elemento de rebeldia nessa busca humana. A ideia de que o homem não pode ser detido na sua busca está presente, por exemplo, no comovedor e animador discurso do presidente John Kennedy, em 1962, citado anteriormente. O homem caído foi criado para um mundo

68 Em conversa pessoal com o autor, por via eletrônica, no dia 28/6/2016.

69 Diz respeito ao possível processo de transformar planetas em ambientes mais similares ao terreno. Obras de ficção tentam buscar maneiras de viabilizar o processo de transformação atmosférica, do solo e assim por diante. Veja, por exemplo, os livros de Kim Stanley Robinson como *Aurora*, *2312* e a trilogia *Red Mars*, *Blue Mars* e *Green Mars*.

70 Veja, por exemplo, a celebrada história *The Long Earth*, escrita em 5 volumes por Terry Pratchett e Stephen Baxter.

71 Sagas como as de Suzanne Collins e seus *Jogos Vorazes*, e tantos outros similares que surgiram nos últimos anos. Além dos mais antigos como *1984* de George Orwell e *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley.

diferente deste, o qual só será atingido por aquele que crer no Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O homem natural sente esse impulso pelo eterno, por algo que vá além desta triste realidade, pois ele foi criado para algo superior e que se perdeu na Queda. Assim, o homem tenta dar vazão a esse desejo de inúmeras formas alternativas à verdadeira. No que tange ao anseio por explorar o mundo espalhando a cultura humana, o homem acha maneiras de tentar satisfazer o que não pode ser satisfeito no mundo quebrado. Ele tenta de toda forma. Seja habitando no ciberespaço por incontáveis horas, seja vivendo no mundo de fantasia e ficção científica, seja ativamente tentando alcançar outra terra. Não devemos menosprezar o quanto a exploração de mundos alternativos funciona como algo que atia o desejo sabático do ser humano, o desejo por interromper a vida real e experimentar algo de uma realidade distinta.

São inúmeros os jogos de videogame que proporcionam a experiência da habitação e exploração de terrenos alternativos a este mundo.⁷² Há ainda toda uma grande indústria de jogos de tabuleiro que envolvem algo do explorar e dominar território. A humanidade produziu inúmeros jogos que, de alguma forma, simulam aspectos do mandato cultural em dominar, explorar, cultivar, desenvolver. Sejam jogos antiquíssimos como o chinês *Go* e o jogo de xadrez, sejam jogos mais novos que já se tornaram clássicos como *War e Banco Imobiliário* ou mesmo exemplos mais recentes como *Colonizadores de Catan* e *Carcassone*. E há ainda toda uma gigantesca indústria de *Role Playing Games*, sendo *Dungeons & Dragons* o mais conhecido, que envolve o desbravamento de mundos de fantasia. Todos esses têm o prazer de se envolver em subcriações lúdicas projetadas para funcionarem como parênteses sabático na vida real.⁷³

72 Muitos jogos envolvem alguma exploração e descoberta de território. Sejam os mais infantis como *Minecraft* ou longas aventuras como o mundo de Nirn, onde se passa o jogo *Skyrim*. Alguns dos jogos mais celebrados da última década envolvem mundos alternativos como as séries *Bioshock*, *Half-life*, *Zelda* e *Portal*. Isso sem falar dos mundos fabulosos de *Super Mario Bros* e seu Reino do Cogumelo.

73 Para discussão mais detalhada sobre diversão de um ponto de vista teológico, consulte meu artigo *A busca humana da diversão sob a ótica bíblica de criação-queda-redenção*. A ideia de parênteses sabático está ligada ao princípio criacional sabático. Deus criou desde o início um padrão de descanso e atividade para toda a humanidade. Quando nós subcriamos, acabamos replicando esse padrão. Podemos criar instâncias de diversão e lazer que funcionam como pequenos “sábados” no cotidiano, nos liberando das atividades nor-

Curiosamente, há áreas da ciência que adquirem um gosto peculiar na mente popular, talvez precisamente por aparentemente alargarem essas fronteiras. Trata-se dos livros de físicos como Stephen Hawking, Michio Kaku e Brian Greene. Livros que tratam de assuntos exóticos e que parecem beirar o mundo da ficção: universos paralelos, supercordas, dimensões múltiplas, buracos de minhoca, paradoxos temporais e buracos negros são temas que mexem com a imaginação do grande público. Parecem transgredir os limites entre a ficção científica e a ciência; talvez até mesmo transgridam.

Essa busca por novos mundos como solução para este mundo quebrado aponta para outro fator do homem caído: o ser humano é, como gosta de dizer o rev. Wadislau, ativamente redentivo. Ele não se contenta com o que vê a seu redor, busca aprimorar e desenvolver o universo. Limites e dificuldades servem como elemento que atijam o ser humano a desenvolver novas tecnologias para sobrepor os obstáculos.⁷⁴ Almejamos tratar esse mundo e alcançar novos mundos. Somos *homo exploreans*. Assim, como disse C. S. Lewis:

Criaturas não nascem com desejos a não ser que satisfação para tais desejos exista. Um bebê sente fome; bem, existe comida. Um patinho quer nadar; bem, existe algo como a água. Homens sentem desejo sexual; bem, existe algo como o sexo. Se eu encontro dentro de mim mesmo um desejo que nenhuma experiência nesse mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que eu tenha sido feito para outro mundo. Se nenhum dos meus prazeres terrenos o satisfaz, isso não prova que o universo seja uma fraude. Provavelmente os prazeres terrenos nunca tenham tido o objetivo de satisfazê-lo, mas somente de atijá-lo, de sugerir a coisa em si. Se for assim, tenho de tomar cuidado para, por um lado, nunca desprezar ou ser ingrato pelas bênçãos terrenas e por outro lado, nunca as confundir com o algo a mais de que elas são apenas um tipo de cópia, um eco, uma miragem.⁷⁵

O que Lewis está sugerindo é que nosso anseio por novas terras indica a existência de um mundo que vai além desta terra e que poderá ser conhe-

mais e permitindo um tempo de refrigério. Isso pode ocorrer, por exemplo, num longo período de férias. Ou mesmo em meros 30 minutos de intervalo de almoço assistindo a um episódio do seriado favorito antes de voltar ao expediente.

74 Cooper, em *Interestelar*, filme de 2014.

75 *Mere Christianity* (MacMillan, 1952), p. 67-68.

cido. É claro, estamos falando principalmente do anseio pela nova criação, liberta do pecado e seus frutos. Em última instância nosso anseio é pela Nova Terra em contraste com a velha Terra em que habitamos. Mas parece-me que, analisando o anseio em conjunção ao instinto exploratório criacional, esse anseio por novos mundos pode indicar uma satisfação em ir além desta terra também no que diz respeito ao seu território. Será que esse desejo será um dia satisfeito?

UM NOVO UNIVERSO ONDE HABITA JUSTIÇA

A doutrina da nova criação é belíssima e, infelizmente, pouco explorada nas igrejas. Muitos acham que o futuro nos reserva uma existência incorpórea num local etéreo, não físico. Mas isso é apenas o estágio intermediário. Nossa plena satisfação e vida eterna se darão nesta Terra restaurada na consumação, com tudo o que é impuro sendo destruído e a velha terra sendo restaurada com a descida da Jerusalém Celestial.⁷⁶

O mundo porvir não é uma realidade imaterial, mas este mesmo cosmos restaurado pela ação de Cristo. Há continuidade assim como descontinuidade. Não há razão para imaginar que depois da consumação o cosmos se resuma a um único planeta, uma vez que essa tremenda diversidade é declarada boa por Deus e colocada a nosso alcance em nossas investigações. Temos toda razão bíblica para crer que na restauração de todas as coisas continuaremos habitando num vasto universo de incontáveis galáxias, mas

76 Não temos espaço para uma defesa dessa doutrina; estamos assumindo que tal entendimento, claramente ensinado nas escrituras e aceito na linhagem reformada, seja o correto. É bom ver que recentemente mais livros em nível popular têm tratado deste entendimento escatológico acerca de uma Terra restaurada na consumação. A boa notícia envolve a redenção e restauração deste mundo. Algumas sugestões bibliográficas: o material de teólogos bíblicos como G. K. Beale, Gerard Van Groningen e Geerhardus Vos te será útil. Particularmente útil é o livro *Heaven* (Tyndale, 2004), de Randy Alcorn, onde ele lida com diversas dessas confusões que os crentes fazem sobre o local de habitação eterna. O dr. Heber Carlos de Campos também lida com a questão em seus livros sobre o habitat humano, da Editora Hagnos. Por fim, os livros de Michael Wittmer — *Heaven is a place on Earth* e *Worldly Saints* — são bastante úteis nesse aspecto também. O livro de J. Richard Middleton, *A New Heaven and a New Earth* também é muito bom ao lidar com isso, assim como o de T. Desmond Alexander, *Do paraíso à terra prometida*. Vale ainda explorar *As coisas da terra*, de Joe Rigney. Para duas das melhores leituras que já fiz dentre as que lidam com o aproveitar deste mundo em honra a Deus, procure os livros de N. D. Wilson: *Notas de uma xícara maluca* e *Death by Living*.

sem as fraturas estruturais causadas pelo pecado. A Nova Terra não é apenas a respeito de adoração e comunhão. Princípios criacionais como trabalho, descanso e lazer continuam, mas sem os efeitos nocivos do pecado. Além disso, não há porque perdermos o desenvolvimento tecnológico atingido nessa era.⁷⁷

Sendo assim, por que não, após séculos ou milênios na Nova Terra, desenvolvermos a tecnologia para conhecer outros planetas? Hoje tal tecnologia estaria muito longe de nosso conhecimento. Não temos, por exemplo, capacidade de propulsão que faça com que o tempo de viagem seja inferior ao tempo da vida humana. Ainda assim, a ficção propõe caminhos diversos. Congelar as pessoas para que seus corpos não se deteriorem, utilizar buracos negros para estilizar naves até altas velocidades,⁷⁸ naves generacionais,⁷⁹ ou seja qual for a maneira criativa que nossos escritores acham para tentar explicar a chegada a outros planetas.

Mas será que teremos a ciência necessária para tal coisa? Não é, essencialmente, conversa de maluco? Para quem é, assim como eu, e creio, assim como o Lau, inclinado a pensar sobre possibilidades e coisas que não são, vale notar que há diversos livros que lidam com a física e as possibilidades de métodos de viagem interplanetária e colonização de outros mundos.⁸⁰ E isso levando em conta apenas os recursos limitados de um universo quebrado sendo explorado por mentes afetadas pela Queda. Randy Alcorn lida com o assunto:

Serão os novos planetas meros ornamentos, ou será que Deus planeja que os alcancemos um dia? Mesmo debaixo da maldição,

77 Para discussão sobre isso veja Alcorn, *Heaven*, especialmente capítulos 41 a 44.

78 É a ideia por detrás de parte importante do enredo do filme *Interestelar*. Veja a discussão no livro do renomado físico Kip Thorne, *The Science of Interstellar* (W.W. Norton & Company, 2014), cap. 7.

79 A ideia é montar expedições com grandes grupos de astronautas, homens e mulheres. As naves seriam ambientes sustentáveis em termos de sobrevivência. Os astronautas se reproduziriam na viagem e apenas os netos ou bisnetos deles chegariam ao destino, décadas após o lançamento.

80 Lawrence Krauss, *A Física de Jornada nas Estrelas* (Makron, 1997). Vale conhecer o muito bem escrito livro *Physics Without the Boring Parts*, de Paul Parsons (Metro Books, 2011). Ou em *The Science of Interstellar*, onde Kip Thorne discute buracos negros, buracos de minhoca, tesseractos, dimensões paralelas e muito mais física extrema para satisfazer os corações mais imaginativos.

fomos capazes de explorar a Lua, e temos a tecnologia para pousar em Marte. O que seremos capazes de fazer para a glória de Deus quando tivermos mentes ressurretas, recursos ilimitados, completa cooperação científica, e nada mais de morte? Será que os extremos da galáxia estarão a nosso alcance? E outras galáxias, que são tão abundantes como folhas de grama na campina? Eu imagino que iremos expandir as fronteiras do domínio cristocêntrico da humanidade justa, não como conquistadores que tomam o que pertence a outros, mas como fiéis mordomos que irão ocupar e gerenciar a extensão completa da criação física de Deus.⁸¹

Mal entendemos os aspectos físicos do mundo em que habitamos. A busca por uma teoria unificada de campo mostra quão limitada é nossa ciência física. Por causa da fratura da queda, somos ainda mais limitados na nossa compreensão de realidades espirituais. O universo criado vai muito além do que nossos aparelhos científicos podem detectar, e nem estamos falando da matéria escura. Meredith Kline explica como isso limita a própria física:

Vivendo numa era em que intensa investigação astronômica foi recompensada com surpreendentes descobertas a respeito do cosmos, nós somos levados a imaginar como o céu bíblico se correlaciona a tudo isso. Como encaixar essa cosmologia científica com esse reino misterioso além da percepção humana? Até que possamos compreender a realidade celestial presentemente inacessível à investigação científica e incorporá-la em nossa análise, a busca por uma explicação unificada de campo da totalidade da criação se provará necessariamente elusiva. Mas enquanto isso, na revelação bíblica, podemos pegar um vislumbre de algo da natureza do céu e de como o céu se relaciona com nosso mundo visível, algo que ilumina nossas contemplações religiosas, sejam quais forem as limitações para nossos construtos científicos.⁸²

O que Kline está dizendo é que sabemos pela revelação especial que o mundo é mais complexo do que imagina nosso vão método científico. Para um entendimento mais robusto e íntegro de como o universo funciona, precisamos levar em conta as realidades espirituais. E pode ser que na Nova Terra nossa ciência seja capaz de fazer isso com proveito tecnológico sur-

81 *Heaven*, p. 208.

82 *God, Heaven and Har Magedon: A Covenantal Tale of Cosmos and Telos* (Wipf & Stock, 2006), p. 3.

preendente. Arthur C. Clarke, um dos grandes autores de ficção científica, disse que “qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de mágica”.⁸³ O que Napoleão acharia de smartphones? Como Júlio César veria um ônibus espacial? O apóstolo Paulo ficaria chocado se alguém lhe dissesse que foi de Jerusalém até a Espanha em apenas duas horas; e voando ainda por cima. Não seria estranho se ele suspeitasse de coisas religiosamente ilícitas acontecendo. Não sabemos o quanto poderemos avançar em tempo infinito e com recursos hoje inimagináveis. Quando estivermos lá há dez mil anos, brilhando, explorando e inventando em honra a Cristo e sua maravilhosa graça, com perfeita comunhão, só Deus sabe o que poderemos atingir. Talvez por isso falar hoje em conhecer outros planetas parece-nos algo como mágica, ou ficção.

Veja, não vou especular acerca da possibilidade de por meio de uma dimensão espiritual sermos capazes de transpor vastas distâncias intergalácticas, como no projeto de viagem por meio dos buracos de minhoca (*wormholes*). Mas, talvez seja simplesmente algo além de nossa imaginação caída e limitada pelas estruturas de um mundo caído. Sei que a Bíblia nos mostra humanos indo de um lado para o outro sem o tempo da viagem natural. Jesus aparecia de um lado para outro após a ressurreição, mas isso pode ser meramente uma questão de sua divindade e não de uma humanidade glorificada. Filipe foi levado pelo Espírito para encontrar-se com o alto funcionário eunuco da rainha Candace. Como se deu isso em termos físicos? Desmaterialização? O que isso implica para nossas possibilidades de conhecer outros planetas? Não sei ao certo. Mas sei que há mais mistérios de locomoção entre o céu e a terra do que imagina nossa vã ficção científica.

CONCLUSÃO

Nós sempre nos definimos pela habilidade de sobrepor o impossível. E nós contabilizamos esses momentos. Momentos em que ousamos mirar mais algo, quebrar barreiras, tentar alcançar as es-

83 Esse é um dos três adágios de Clarke sobre tecnologia. Os outros dois são: 1) “Quando um distinto mas velho cientista diz que algo é possível, ele está provavelmente certo. Quando ele diz que algo é impossível, ele está provavelmente errado”. 2) “O único jeito de descobrir os limites do possível é se aventurar um pouquinho além deles em direção ao impossível”.

trelas, fazer o desconhecido conhecido. Nós contabilizamos tais momentos como nossos feitos mais orgulhosos. Mas perdemos tudo isso. Ou talvez apenas tenhamos esquecido que somos pioneiros. Mal começamos. E nossos maiores feitos não podem ter ficado para trás, porque nosso destino está acima de nós.⁸⁴

A humanidade foi criada por Deus para grandes feitos. Seu mandato cultural continua válido e não há razão para supor que se encerrará nesta era. Randy Alcorn reflete acerca destas possibilidades:

Deus diz sobre o messias que reina, “O seu domínio aumentará, e haverá paz sem fim” (Is. 9.7).⁸⁵ O que isso significa? Se fosse apenas que o reino do messias nunca irá terminar, mais provavelmente se diria, “seu governo não chegará ao fim”. Isso é verdade, é claro, mas não é o ponto do texto. Se significa apenas que seu domínio englobaria tudo, poderia se dizer, “não haverá limite para sua autoridade governamental”. O que também é verdade, mas novamente não é o ponto aqui. Quase todas as principais traduções em inglês traduzem a palavra hebraica *marbiyth* como “aumento” ou “expansão”. Em outras palavras, o domínio de Cristo na Nova Terra e novo universo será continuamente expandido. Como pode ser isso? Mesmo se a Nova Terra fosse muitas vezes o tamanho da atual, não estaria cada polegada dela imediatamente ou eventualmente sob seu controle e sob o nosso como seus representantes? Assim, não iria ser continuamente expandido. O que significa então? Há duas formas em que o domínio pode aumentar: (1) por meio de expandir em territórios previamente não dominados; ou (2) criando novos territórios (opção não disponível a nós humanos). Pode ser que o domínio de Cristo seja continuamente expandido por ele continuamente criar novos mundos para governar... ou talvez ele irá para sempre crescer pois o novo universo, embora ainda finito, seja tão vasto que aquilo que Cristo cria em um momento não será nunca conhecido exhaustivamente por seres finitos. Pelo que sabemos de nosso universo atual, com bilhões de galáxias contendo milhões de bilhões de estrelas e planetas sem

84 Cooper, em *Interestelar*.

85 Tradução Almeida Século 21. A Almeida Revista e Atualizada infelizmente perde a nuance de que o crescimento do domínio também é sem fim, não apenas a paz. As principais traduções em inglês como a ESV, NASB e KJV seguem o entendimento de que o profeta se refere a um domínio que segue se ampliando.

conta, isso por certo é possível. A mera restauração do universo atual proverá territórios inimagináveis para explorarmos e estabelecermos domínio sobre eles para a glória de Deus.⁸⁶

Fomos criados por Deus para dominar a criação, e seguimos tentando fazê-lo, de formas diversas. Por vezes, embora vivamos em tempos tão interessantes de globalização e de revolução digital, pode surgir um pouco da frustração de haver pouco a explorar por aqui. Nascemos tarde demais para explorar o planeta Terra. As grandes navegações e os inúmeros exploradores já o fizeram. Nascemos cedo demais para explorar as estrelas. Será que teremos de nos limitar a explorar o hiperespaço?

Nosso desenvolvimento tecnológico atual já é impressionante e não deve ser descontado. Grant Morrisson, em seu livro sobre a importância dos super-heróis na cultura popular ocidental, reflete acerca de como a humanidade já chegou longe:

De muitas maneiras, nós já somos super-humanos. Ser extraordinário é tamanha parte de nossa herança como seres humanos que frequentemente ignoráramos o que já fizemos e o quanto isso tudo é ímpar. Fizemos máquinas para estender nosso alcance físico e o alcance de nossos sentidos, permitindo-nos olhar as profundezas do espaço e do tempo exterior... Nós podemos estudar e manipular mundos microscópicos... analisar solo em Marte e observar os anéis de Saturno de perto... Nossas máquinas espaciais são os tentáculos remotos de nossa espécie lançadas através de abismos vazios para pousar em outros mundos ou viajar, coletando dados até o sinal enfraquecer, ou não haver ninguém mais para escutar. Essas últimas extensões dos sentidos humanos costuram nossa percepção no escuro absolutamente congelante a 10.518 bilhões de milhas de onde você está sentado. Enquanto escrevo, essa é a distância que a Voyager 1, o dedo de alcance mais longínquo que a humanidade já estendeu.⁸⁷

Mesmo com todas as limitações, já fizemos muito mais do que imaginariam nossos bisavós.

86 *Heaven*, p. 187.

87 *Supergods* (Spiegel and Grau, 2011), p. 115, 116. Minha tradução. Já existe o livro em português.

Queremos explorar e por meio disso entender este mundo. Mas o mundo quebrado nos frustra e nos faz ver as limitações de sermos meras criaturas. Num de seus livros, o prolífico autor David Mitchell tece uma trama que se prorroga através dos séculos e ao redor do globo, e além. O título do livro, *Cloud Atlas* (Atlas das Nuvens) se explica nesse trecho:

Apenas três ou quatro vezes na minha juventude eu vislumbrei as Ilhas Alegres, antes de serem perdidas para neblinas, depressões, frentes frias, ventos malignos e marés contrárias... eu as confundi com a vida adulta. Assumindo que seriam um elemento fixo na viagem de minha vida, fui negligente em registrar sua latitude, sua longitude, sua aproximação. Maldito jovem tolo. O que eu não daria agora por um imutável mapa do sempre constante inefável? Possuir, como se fosse, um atlas das nuvens.⁸⁸

O mundo é um terrível misto de deleite e incompletude, assunto lindamente explorado em Eclesiastes. Todos nós, crentes e descrentes, percebemos isso em algum nível. E tentamos através de nossas atividades de alguma forma fazer sentido disso tudo. Se algo tão efêmero e inconstante, aparentemente até mesmo aleatório como as nuvens, pudesse ser medido e cartografado, nós saberíamos o que se passa nesse mundo que é uma grande terra onde o imprevisível parece dominar e subjugar. Felizmente Deus tem um mapa das nuvens. Nada lhe é misterioso ou incerto. Sejam mundos irreais ou inefáveis realidade espirituais. Tudo está nas mãos do grande contador de histórias e mapeador desse cosmos que está para ser renovado, onde sua imagem renovada em Cristo irá se deleitar nele e em explorar as maravilhas que ele escondeu por aí.

Penso que na Nova Terra teremos os meios e o tempo para irmos além deste pequeno e espetacular planeta azul. Deus criou incontáveis galáxias e planetas. Deus escondeu em recantos do universo coisas assombrosas como nebulosas que apenas agora estamos conseguindo contemplar telescopicamente. Será que colonizaremos tudo isso após a consumação? Ou ao menos parte disso? Não sei. Não tem por que não acontecer. E se não vier a acontecer, tudo bem também. Estaremos com aquele que é o maior dos anseios de nossos corações. É claro, se Deus quis fazer maravilhas em outras galáxias

⁸⁸ *Cloud Atlas* (Random House, 2004), p. 333.

que apenas ele verá e exultará sobre elas (Sl 104.31), nos contentaremos. Mas parece-me que Deus fez mistérios criacionais para que ele exultasse quando suas criaturas viessem a entendê-los e explorá-los. O seu eterno poder e sua divindade se reconhecem claramente por meio das coisas que foram criadas. É ímpio não reconhecer e nem lhe dar graças. Por certo Deus exultou quando Newton entendeu as forças que regem a gravitação. Por certo Deus se alegrou quando Einstein vislumbrou algo espetacular sobre o próprio tecido do espaço tempo. Deus exultou quando Murray Gell-Mann identificou os Quarks e quando Amundsen tocou o pólo sul com sua bandeira norueguesa, e assim por diante. Imagino que novos céus e nova terra serão também repletos de locais deslumbrantes para descobrirmos e vislumbrarmos daqui a muitos séculos, com nosso assombro por nosso criador crescendo cada vez mais. Exploração gloriosa nos espera. Randy Alcorn diz:

Muitos de nós tiram prazer de viajar nesta terra... as pessoas não se aventuraram através de oceanos ou para o espaço sideral por causa do pecado. Eles o fizeram pois Deus nos criou com o anseio por explorar e a criatividade para tornar tal anseio em realidade. Você já leu sobre pessoas que fizeram viagens impressionantes e desejou ter o tempo, dinheiro, coragem ou saúde para fazer o mesmo? No novo universo, nenhuma destas restrições irá nos impedir. É difícil para mim acreditar que Deus criou incontáveis maravilhas cósmicas planejando que nenhum olho humano jamais as visse e nenhum humano jamais pisasse nelas. Os relatos bíblicos conectam a humanidade tão proximamente com o universo físico e conectam os céus com a manifestação da sua glória de tal forma que eu creio que ele tem a intenção de explorarmos o novo universo.⁸⁹

Não posso provar para você, caro leitor, por A+B que isso ocorrerá. Se não ocorrer, viveremos em eterna beatitude sem isso. Quem sabe, na Nova Terra, assim como *homo sapiens* poderá investigar os mistérios do criador e da criação, o *homo faber* criará livre dos efeitos noéticos do pecado, o *homo ludens* poderá se divertir e refestelar no deleite de um mundo livre dos efeitos do pecado e o *homo aestheticus* não mais lidará com a feiúra da queda... quem sabe o *homo explorens* não poderá ir além desta pequena bolota azul?

89 *Heaven*, p. 341.